

BRINQUEDOS DE MIRITI: UMA FÁBRICA DE SONHOS ONDE NÃO HÁ O DESPERTAR DE GÊNEROS

Miriti Toys: a Dream Factory Where There is no Gender Awakening

Baia, Luana Silva; Pós-graduando; Faculdade Estácio do Pará,

luanasbaia@yahoo.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar a importância do artesanato dos brinquedos de miriti fabricados na cidade de Abaetetuba, no Pará. Serão apresentadas suas origens, características, usos da árvore do miriti e o empenho que os artesãos demonstram na produção dos brinquedos que são para todos os tipos de pessoas. A pesquisa serviu de inspiração para a criação de uma coleção de moda sem gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Miriti; Brinquedos; Agênero.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of the handcraft of miriti toys manufactured in the city of Abaetetuba, Pará. It will be presented its origins, characteristics, the various uses of the miriti tree and the commitment the artisans demonstrate in the toys production wich are for all types of people. The research were inspiration to create a genderless fashion collection.

KEYWORDS: Miriti; Toys; Genderless.

Introdução

Os brinquedos de miriti são um tipo de artesanato executado em Abaetetuba, cidade no interior do estado do Pará. Trata-se de uma prática antiga e passada por gerações, onde as peças são criadas por artesãos que dedicam parte do seu tempo a retratar elementos do cotidiano, impulsionados por uma expressão de sentimentos incontrolláveis, pois a arte de esculpir na bucha do miriti é algo mais do que comercial. Como diz Loureiro (2008, p. 137), 'a fabricação do brinquedo de miriti estabelece a relação profunda que há entre o artista e sua obra'.

O artesanato representa o mundo dos ribeirinhos, o trabalho, o campo, a cidade de Abaetetuba e manifestações religiosas. Apresenta ênfase na preservação do meio ambiente e conservação da matéria prima, uma vez que a palmeira de onde se extrai a matéria é considerada uma árvore da vida, que é zelada e cuidada por todos os



APOIO



REALIZAÇÃO



ribeirinhos que dependem dela para a sua sobrevivência. Os brinquedos são confeccionados para qualquer público, sem distinção de raça, cor ou sexo, sem paradigmas de que certos produtos são destinados para um determinado gênero.

A arte esculpida gera curiosidade no público, pois é algo completamente inusitado. As pessoas, ao terem acesso a esse artesanato, têm uma explosão de sentimentos, como encantamento, felicidade, saudade, recordações, entre outros, o que leva ao desejar do objeto, pois eles podem induzir o despertar de sonhos e experiências vividas.

Então, por ser atrativo, rico em diversidade e biodiversidade com uma representação da vida, foi pensado em criar e confeccionar uma coleção de moda, com o objetivo de mostrar à sociedade, o artesanato de Abaetetuba que é rico em diversidade cultural. Interligando à moda, foi executada uma coleção de roupas sem gênero, para enfatizar a ideia de que os brinquedos de miriti não pertencem a um sexo, explorando as formas dos brinquedos que trazem uma variedade de cores e ainda coincidem com as cores da bandeira de Abaetetuba: vermelho, azul, amarelo, verde, laranja, marrom e branco.

A pesquisa iniciou através de informações bibliográficas, por meio de livros e dissertações acadêmicas à temática abordada, como: a origem dos brinquedos, a matéria prima, o artesão, a cidade de Abaetetuba, preocupações ambientais, reflexos sociais, história da moda, moda sem gênero e outros.

Foi realizada pesquisa de campo durante visita ao evento Miriti-Fest, em 2016, com o objetivo de coletar informações sobre o processo de produção e questões sociais entre o artesão e sua arte. Também foi feito registro fotográfico dos brinquedos para o acervo da autora, além de visita ao lançamento do livro “Miriti, mãos que tecem sonhos”, em março de 2017, na cidade de Abaetetuba. Assim, foi formado o embasamento teórico para a elaboração deste artigo, que visa a valorização do artesanato dos brinquedos de miriti e da relação social interligada à não designação de gênero.

Abaetetuba

Fundada por Francisco Monteiro, em 1712, Abaetetuba é uma cidade localizada no interior do estado do Pará, à margem direita do rio Tocantins, cuja seu nome tem origem do Tupi guarani e significa “Terra de homens fortes/corajosos” (SANTOS, 2016, p.11).

Rica na diversidade cultural, Abaeté, como é chamada por seus habitantes, já foi conhecida por ser uma terra encantada, “antes do processo de desencantamento do mundo ser iniciado também nela, pela explicação racional e pragmática de tudo” (LOUREIRO, 2008, p.93), sendo dona de muitas lendas ribeirinhas, como a lenda do *filho do boto*.

A lenda começa a partir da história mitológica do encantamento do Boto em figura humana, tornando-se um belo rapaz sedutor vestido de branco para atrair moças donzelas e mulheres casadas. Aparecendo em festas das regiões sem ser convidado, o Boto seduzia e engravidava as mulheres, porém, uma vez sendo o *filho do boto*, a criança era aceita na família e considerada como algo sobrenatural-natural (LOUREIRO, 1999, p. 200, 201, 202, 203, 204).

Também durante o período dos engenhos, no início do século XX, a cidade foi conhecida como a “terra da cachaça”. No entanto, hoje ela se tornou famosa pela produção do artesanato cuja matéria prima é uma palmeira tradicional da região, da qual se extrai a “bucha” (peciolo), para a confecção dos populares e majestosos brinquedos de miriti, os quais proporcionaram à cidade um reconhecimento internacional.

Figura 1: A entrada da cidade de Abaetetuba



Fonte: <https://blogmanueldutra.blogspot.com.br/?view=classic>

Miriti

O miriti ou buriti é um fruto colido de uma palmeira chamada *mauritia flexuosa*, popularmente conhecida como miritizeiro, abundante na área de várzea, é encontrada em vários estados do Brasil como, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará (SANTOS, 2016).

Encontra-se presente também em outros países amazônicos, como Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Equador, recebendo nomes populares específicos em cada contexto geográfico-cultural. Aguaje, no Peru, *oriche* e *canaguiche*, na Colômbia, *moriche* (Venezuela), *morete*, no Equador (RIBEIRO, 2010 *apud*. BARROS & SILVA, 2013, p. 50). No Brasil é conhecida principalmente como buriti e miriti (BARROS & SILVA, 2013, p.50).

Típica de região de várzea, “atinge mais de 15m de altura, o diâmetro do caule é cerca de 0,50m e quando adulta possui 20 a 30 folhas palmadas, eretas, dispostas quase sempre em leque” (MANHÃES, *apud* SANTOS, 2016 p. 16), como descreve Loureiro (2008, p. 136): “O miritizeiro é, portanto, uma árvore cultural da região onde estão disseminadas, embora predominem nos baixos ou áreas alagadiças resultantes do transbordamento dos rios”.

Figura 2: Imagem do miritizeiro com cachos do fruto (miriti).



Fonte: <http://poderdasfrutas.com/wp-content/uploads/2011/04/Cachos.jpg>

A palmeira do miriti é conhecida como “árvore da vida”, pois dela se aproveita do fruto até as folhas, gerando renda para quem vive da extração de sua matéria. Indígenas e ribeirinhos utilizam a tala para paneiros, cestas e tipitis, o vinho para a culinária e produção de cosméticos, a fibra e a palha para bolsas, a bucha para a execução do artesanato dos brinquedos, entre outros (SANTOS, 2016). No meio urbano, é comum o consumo em forma de suco, licor, doces e o mingau, que são derivados da extração do fruto (BARROS & SILVA, 2013).

O fruto é rico em diversos elementos importantes para o bom funcionamento do organismo humano como vitaminas A, B e C, proteínas, betacarotenos, lipídeos, carboidratos, além de outros diversos componentes que ajudam a evitar a cegueira noturna, contribuindo igualmente para o bom desenvolvimento ósseo e imunológico, havendo uma série de outros benefícios (DIAS et al, 2016, p.4).

Os brinquedos de miriti e sua origem

Os brinquedos de miriti despertam o reconhecimento da vida cotidiana, são reflexos da sociedade retratados e esculpidos na bucha (pecíolo), uma polpa vegetal fibrosa e leve, de grande maciez e flexibilidade (LOUREIRO, 2008). Sua origem está perdida no tempo, acredita-se que os brinquedos foram criados através das crianças que, ao observarem os despejos da bucha do miriti nos rios, após a retirada da tala para a construção de paneiros, perceberam que aquele material flutuava e assim criaram os primeiros brinquedos, com o passar dos anos foram aperfeiçoados por artesãos que deram formas mais trabalhadas e cores vibrantes, e assim tornou-se um artesanato praticado por gerações.

Porém, a contagem do aparecimento dos brinquedos se dá com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no ano de 1793, em Belém, na capital do estado do Pará, quando houve a Feira de Produtos Regionais da Lavoura e da Indústria. Localidades do interior do estado enviaram produtos produzidos por eles, como a cerâmica, o guaraná, cestos, cacau, mandioca e outros, inclusive os brinquedos de miriti de Abaetetuba (CARDOSO & MONTEIRO, 2002).

O círio de Nazaré é uma procissão religiosa culminante do culto da padroeira dos paraenses, realizada todos os anos no segundo domingo de outubro. É uma espécie de apoteose epifânica da fé do povo do Pará percorrendo as ruas de Belém. Representa uma modalidade de síntese cultural, pela complexidade e diversidade de realidades e simbologias que constituem o seu processo e a sua estrutura (SANTOS, 2016, p. 134).

Desde então, a produção dos brinquedos de miriti para o Círio foi mantida e acontece todos os anos como algo indispensável para esse período. Com o tempo, os brinquedos foram sendo aperfeiçoados pelos artesãos e atualmente são tombados como Patrimônio Histórico cultural de origem Imaterial – Lei Estadual 7433 sancionada em 30/06/2010.

Antigamente, os brinquedos de miriti eram destinados às crianças, porém, com o passar dos anos conquistaram um novo público e ganharam novos destinos. Hoje, como objeto de arte e decoração, os brinquedos são contemplados por crianças e adultos de diversos países, em representações da fauna e flora amazônica.

Os brinquedos produzidos pelos artesãos também apresentam em sua composição algodão, cola, argila, tecidos, fios, e com pinturas de cores primárias reproduzem exemplos ilustrativos tais como: a “montaria”, a “cobra que mexe”, o “tatu”, o “soca-soca”, as “pombinhas”, os “dançarmos”, o “pila-pila”, aves e objetos em geral, são exemplos de brinquedos de miriti que constituem o vasto poder artístico e saudável na região (LOUREIRO, 2008).

Figura 3: Artefatos de miriti



Fonte: Acervo da autora, 2017

Atualmente, existem duas associações de artesãos em Abaetetuba, a MIRITONG- (Associação Arte Miriti de Abaetetuba) e ASAMAB- (Associação dos Artesãos de Miriti de Abaetetuba). Esta última é responsável pela realização do Festival do Miriti – MIRITI-FEST, um evento que geralmente ocorre durante o mês de junho em Abaetetuba com objetivo de atrair turistas para conhecer a cultura, explorar e movimentar a economia da cidade.

O artesanato e sua relação de forma sustentável com a natureza.

A maioria dos artesãos que trabalham com a produção dos brinquedos de miriti foram influenciados por terceiros, amigos ou família, ou por estar precisando de insumos para complementar a sua renda familiar mensal. No entanto, seria algo inusitado um artesão que não goste do que produz, pois, a arte de esculpir gera uma afeição, uma forte ligação sentimental na produção.

Ele vai revelando o inesperado na sua matéria leve. O que antes era superfície, ângulos, rugosidades vai-se refazendo em asas, braços, pernas, pássaros, figuras. A rugosidade se converte em maciez sob o toque das mãos dialogando com a matéria. Liberando o imaginário aprisionado na matéria. E as figuras de brinquedo intermedeiam relações entre uma e outra alma (LOUREIRO, 2008, p. 144).

Há uma forte harmonia entre o artesão e sua obra, pois é ele quem define as formas e estruturas que serão esculpidas na bucha do miritizeiro, como uma transmissão do que ele vê e guarda na memória.

Na produção do artesanato de miriti, encontram-se vários indícios da preservação cultural de Abaetetuba, e em meio a tantas influências globais e tecnológicas, é muito gratificante o trabalho de um artesão, pois ele mantém vivos, através de suas obras, lendas e costumes que são passadas por gerações, de modo informal, por suas famílias através da confecção dos brinquedos.

Isso tudo revela que, desde o momento da poda da palmeira para a retirada da bucha, percebe-se uma grande preocupação com a natureza, principalmente com a manutenção e preservação da matéria prima. Um exemplo é a técnica de podar que só ocorre quando há quantidade de folhas suficiente para a árvore se regenerar.

Outro procedimento que chama atenção é o fato de a poda do miritizeiro ser feita, pela maioria dos ribeirinhos que trabalham com o miriti, apenas as “escuras” (quando não é lua cheia). De acordo com eles, nesse período o miriti retirado não estraga, é de boa qualidade, enquanto que o miriti retirado em períodos de lua, “as claras”, não é de boa qualidade, não tendo um bom aproveitamento total para se produzir o brinquedo (SANTOS, 2016 p. 21 e 22).

A atitude dos artesãos e ribeirinhos representam uma questão sustentável, mesmo sem muito conhecimento científico, eles possuem métodos que trazem benefícios tanto para eles quanto para a natureza, pois assim a matéria-prima não é desperdiçada.

Moda sem gênero

Na contemporaneidade, não é comum pessoas de sexos opostos utilizarem as mesmas peças de um guarda roupa, pois com o passar dos anos foram designados o que corresponde às mulheres e aos homens, algo que até o final da Idade Média não existia, com exceção da distinção por classe de poder.

A sequência evolutiva da vestimenta humana foi exatamente essa. Primeiro as folhas e vegetais e, posteriormente, as peles de animal. Como nos diz a Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, o ser humano cobriu o corpo pelo caráter de pudor. Todavia, há outras interpretações seculares que dizem ter os seres da condição humana coberto o corpo pelo caráter de adorno e, também, pelo de proteção. Qualquer que tenha sido a sua intenção, cobrir o corpo foi uma necessidade (BRAGA, 2007, p.17 e 18).

Nos primórdios da humanidade, as vestimentas eram compostas por peles de animais, fixadas e presas ao corpo com a utilização das garras dos mesmos, porém, “com a fixação do ser humano ao solo, ele deixou de ser nômade caçador/coletor para se estabelecer com a criação de gado e prática da agricultura” (BRAGA, 2007, p.18), assim proporcionando o manuseio de fibras naturais, tais como linho, algodão e lã, além destes posteriormente a seda da china.

Até a Idade Média, a indumentária tanto do sexo masculino quanto do feminino eram as túnicas, com comprimentos diferentes, mas com o mesmo padrão de modelagem. O que realmente diferenciava eram os adornos utilizados que de certa forma deixavam mais claro as classes sociais e econômicas.

Atualmente, os termos sem gênero, agênero, *agender*, *genderless* e *ungendered* vem sendo explorados pela moda como uma forma de se desprender da ideia, já tão fixada em nós, que tudo tem que ser dividido e categorizado, não só nas roupas, mas na realidade em que vivemos onde meninos brincam de carrinho e meninas com bonecas. A ideia de um menino brincando de boneca ou um homem vestindo saia é assustadora para muitos, pois a sociedade sempre dividiu as coisas em seções e sempre levando o gênero em conta.

A moda é uma maneira de expressão da personalidade, e a grande questão é que nem sempre as pessoas se identificam com o que é imposto pela sociedade. As pessoas estão procurando uma forma mais neutra de se expressarem, não necessariamente escolhendo o que é considerado masculino ou feminino. Algumas marcas surgiram com a proposta da moda sem gênero com o objetivo de quebrar

estereótipos e dar mais liberdade de escolha quando se trata de roupas e estilo. Os consumidores da nova geração estão preocupados em comprar roupas que lhes agradam e caibam bem, independente se foram criados para um público específico.

A partir disso, podemos citar os *genderqueers*, pessoas que não se identificam como parte do sistema binário de gênero (masculino e feminino), ou com o sexo que lhes foi atribuído biologicamente, podem ser tanto homem quanto mulher (bigênero), parcialmente homem ou mulher, fluido entre os gêneros, assim como nem um nem outro (agênero). Esse é um público forte para o consumo da moda sem gênero, pois são pessoas que não querem ser designadas a um único grupo e as roupas são um meio de expressar tal identidade.

Figura 4: Roupas sem gênero



Fonte: <http://vilamulher.uol.com.br/imagens/vilamulher/thumbs/2016/03/10/moda-unisex-roupas-sem-genero-e-livre-de-rotulos22-thumb-570.jpg>

A questão da moda sem gênero vem sendo tão exaltada que, durante uma nova campanha, a Louis Vuitton trouxe Jaden Smith (um jovem ator, conhecido por seu estilo peculiar de não se vestir de acordo com um gênero), vestindo roupas que tradicionalmente seriam destinadas às mulheres. No Brasil, algumas marcas também abraçaram a causa, um exemplo é a loja *fast fashion* C&A, que lançou a coleção “Tudo Junto e Misturado” com a proposta de igualar os gêneros dos consumidores. No entanto, foi algo muito criticado, principalmente pela questão de que os looks da

campanha não foram para os departamentos das lojas e o pouco que era visto, ainda estava separado por sessões de gêneros. Ou seja, houve uma aquisição da marca, mas devido à pouca aceitação do público por “pré-conceitos” a loja não levou a proposta adiante.

Coleção

A coleção “Fabricando Sonhos” apresenta uma releitura dos brinquedos de miriti na representação de moda sem gênero, cujo objetivo é reproduzir as cores e as formas geométricas mais retas que estão presente nos brinquedos. Pensando em introduzir mais a matéria prima da palmeira, foi utilizado a fibra do miritizeiro para a confecção dos suspensórios e pespontos. Uma coleção voltada para o público jovem e ousado, com imagem etária de 18 a 28 anos, a modelagem foi criada com o cuidado na formação de ganchos, curvas e formas, pois precisa vestir bem tanto homens quanto mulheres. Também, foi implantado o formato de alguns brinquedos para dar a unidade na coleção, como a forma geométrica do barco representada na gola canoa e a casa invertida unificando as bainhas das peças inferiores.

Os resultados práticos foram 10 looks, sendo um conceitual e nove comerciais, compostos por macacões, calças, bermudas, camisas e camisetas, onde cada look é identificado pelo nome de um artesão e pelo brinquedo preferido dele, que foi aplicado em estampa 3D nas peças superiores. A ideia partiu após o contato com o livro de foto etnografia “Miriti, mãos que tecem sonhos”.

Figura 5: prancha de croquis; look comercial, designer, look conceitual e look comercial).



Fonte: Acervo da autora, 2017

Considerações finais

Abaetetuba, hoje uma cidade desmistificada, não mais conhecida como a “terra da cachaça”, continua abrilhantando o Pará com a beleza e grandiosidade de sua cultura representada e reproduzida no artesanato dos brinquedos de miriti. Sua matéria é extraída de uma das palmeiras mais ricas da região, pois dela também é possível fazer artefatos de decoração e alimentos derivados do suco do fruto.

Um artesanato rico em cultura local que é transmitido através dos artesãos que dedicam parte de seu tempo a produzir brinquedos que retratam o cotidiano amazônico. E em meio a tantas representações que os brinquedos tem, é emocionante a relação entre o artesão e sua arte, pois o sentimento é algo que predomina na produção e contagia os consumidores.

Os brinquedos de miriti embora tenham sido tombados como patrimônio histórico cultural de origem imaterial pelo Governo do Estado do Pará, este estudo não tem o objetivo de apenas privilegiar esse patrimônio, mas mostrar e expandir conhecimentos e estudos que mostram a importância desse artesanato para a economia da cidade de Abaetetuba, tais como: geração de renda para os artesãos e inúmeros benefícios sociais que são adquiridos com a palmeira e matéria prima dos brinquedos.

Referências

BARROS, Flávio Bezerra; SILVA, Deusinaldo da. **Os mingauleiros de miriti:** trabalho, sociabilidade e consumo na beira de Abaetetuba, PARÁ. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 4, art. 3, p. 44-66, Out./Dez. 2013. Disponível em: <http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/308/122>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

BRAGA, João. **História da moda**. 7º ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007. (Coleção moda e comunicação / Kathia Castilho (coordenação)).

CARDOSO, Orlando; MONTEIRO, Welbert. **Abaetetuba**. Revista Ver-o-Pará. Belém: Ver editora, março de 2002.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; BARROS, Flavio Bezerra. **A produção artesanal de brinquedo de miriti e suas transformações frente as exigências do mercado**. Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA.



APOIO



unesp

REALIZAÇÃO



DESIGN



Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol. 10, Nº 3. 2015. Disponível em: <http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/17034/10980>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

DIAS, Éverton Costa et all. **Brinquedos de miriti: uma forma sustentável de geração de renda para artesãos no município de Abaetetuba – Pará.** 10º Simpósio Internacional de Qualidade Ambiental. Porto Alegre/RS: ABES-RS PUC RS. 19 a 21 de outubro de 2016 Disponível em: http://www.abes-rs.org.br/centraldeeventos/_arqTrabalhos/trab_20160912141833000000762.pdf Acesso em 21 de abril de 2017.

DURANT, Alisson et all. **Miriti mãos que tecem sonhos.** Belém: Editora Marques, 2017.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem.** 36º ed. São Paulo: Escrituras, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras resumidas**, volume 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MARTINS, Marina. **Afinal, qual é a novidade da moda sem gênero?** 24 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.ocafezinho.com/2016/06/24/afinal-qual-e-a-novidade-da-moda-sem-genero/> Acesso em 12 de abril de 2017.

SANTOS, Ivamilton Nonato Lobato dos. **BRINQUEDOS DE MIRITI** Patrimônio Histórico Cultural Perspectiva Matemática. Belém: Cromos, 2016.

PELEGRINI, Jozimar. **Transversalidade em performances de gênero na moda: revista candy como território potencializador.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem. 2015. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/111290_Jozimar.pdf Acesso em 07 de abril de 2017.

TEIXEIRA, Thamirys. **Moda Unisex: Roupas sem gênero e livre de rótulos.** Disponível em: <http://vilamulher.uol.com.br/moda/estilo-e-tendencias/moda-unisex-roupas-sem-genero-e-livre-de-rotulos-m0316-716967.html> Acesso em 08 de setembro de 2017.



APOIO



unesp

REALIZAÇÃO



DESIGN



BALIEIRO, Fernando. **O queer e o conceito de gênero.** Quereres, Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade. UFSCar, 2011. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/> Acesso em 08 de Setembro de 2017.



APOIO



REALIZAÇÃO



DESIGN

